

## A análise do conceito de martírio nas obras de Jacopo Varrazze e do Frei João Álvares

João Guilherme Lisbôa Rangel<sup>1</sup>

O trabalho consiste na comparação do conceito de martírio presente na *Legenda Áurea*<sup>2</sup>, escrita pelo dominicano Jacopo Varrazze, e no *Trautado da vida e feito do muito virtuoso S.<sup>or</sup> Infante Santo*<sup>3</sup>, escrito pelo frei João Álvares. Para tanto, começar-se-á através de uma definição teórica em que se objetiva apresentar a importância dos estudos hagiográficos para a história social<sup>4</sup>. Em seguida, tomar-se-á a apresentação da hagiografia do Infante Santo<sup>5</sup>, morto em Fez em 5 de junho de 1443. Parte-se, em seguida, para uma breve apresentação das fontes – *Legenda Áurea* e o *Trautado*, demonstrando a importância do uso delas para a compreensão do imaginário português no século XV.

A questão do estudo culto dos santos está diretamente ligada aos esforços dos bolandistas em produzir um “método científico”<sup>6</sup> para estudar as hagiografias. Acreditavam que, para produzirem as virtudes dos santos, era necessário que os textos fossem vistos de forma “científica” através dos métodos de crítica documental.

Em meio aos autores bolandistas, conforme a pesquisa desenvolvia-se, surgia sempre um questionamento. Qual seria a origem ao culto dos santos? A primeira obra de referência que tenta responder esse questionamento é a de Delehaye<sup>7</sup>.

Para ele, desde a fundação da comunidade cristã, o sacrifício na defesa da fé, o martírio, transformou-se no ato mais significativo que um fiel poderia almejar.

---

<sup>1</sup> Graduando em História pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, pesquisador do LITHAM (Laboratório Interdisciplinar de Teoria da História, Antiguidade e Medievo da UFRRJ) e Bolsista Iniciação Científica pesquisa ao abrigo do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico).

<sup>2</sup> VARAZZE, Jacopo. *Legenda Áurea. Vidas de Santos*. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.

<sup>3</sup> ÁLVARES, Frei João. *Trautado da vida e feitos do muito virtuoso S.<sup>or</sup> Infante D. Fernando*. In: CALADO, Adelino de Almeida. *Frei João Álvares Obras. Edição crítica*. Vol. I. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1960.

<sup>4</sup> Para maiores informações acerca da chamada história social. PROST, Antoine. *Doze lições sobre a história*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008, pp.189-210.

<sup>5</sup> Para informações mais detalhadas sobre o Infante Santo. Cf. AMARAL, Clinio de Oliveira. *O culto ao Infante Santo e o projeto político de Avis (1438-1481)*. Niterói, 2008. Tese (Doutorado em História Social) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008.; Idem. As discussões historiográficas em torno do Infante Santo. *Medievalista on-line*. Lisboa: IEM, Ano 5, nº 7, pp. 1-42, dezembro. 2009. Disponível em: <<http://www2.fcsh.unl.pt/iem/medievalista/>>. Acesso em 25 de agosto de 2010. e Idem. A relação entre o culto ao Infante Santo e o projeto político de Avis na segunda metade do século XV. In: NOGUEIRA, Carlos (org.). *O Portugal medieval: monarquia e sociedade*. São Paulo: Alameda, 2010, pp. 196-207. **Ressalta-se que as informações dadas por Clinio Amaral serviram como base para a elaboração deste trabalho, que se encontra em sua fase inicial.**

<sup>6</sup> Sobre a origem dos bolandistas. Cf. PEETERS, Paul. *L'œuvre des Bollandistes*. Bruxelles : Société des Bollandistes, 1961.

<sup>7</sup> Cf. DELEHAYE, Hippolyete. *Les Origines du culte des martyrs*. Bruxelles: Société des Bollandistes, 1912.

Finalmente, doando-se em prol da fé, testificava-se todo seu amor ao Cristo ressurreto<sup>8</sup>. A noção de que os cristãos seriam perseguidos encontra-se presente em alguns textos bíblicos, dentre os quais, o mais importante é o de Mt 5, 10-12<sup>9</sup>. Todavia, ao mesmo tempo em que se fixava essa tradição, estabelecia-se na morte de Cristo um ganho, no qual se assegurava a vida eterna.

Dessa forma, constrói-se a associação da morte em martírio ao glorioso sacrifício de Cristo na cruz. Alguns autores, como, por exemplo: Tertuliano, Clemente de Alexandria, Orígenes, Hipólito e Cipriano atestam “que o mártir era um homem cuja morte representava o testemunho de sua fé”<sup>10</sup>. Por isso, segundo Delehay, passa-se rapidamente a ser difundido nos escritos hagiográficos, a narrativa em que o mártir agradece a seu algoz a oportunidade de ser suplicado.

Em conjunto, difundiu-se que o próprio Cristo fazia-se presente, durante as horas de sofrimento, ajudando ao mártir a suportar a dor e perseverar na fé. Desde as perseguições, eles se transformaram em uma “aristocracia”, pois se destacavam pela distinção sobrenatural. Os restos mortais dos mártires passaram a ser dotados de poder, visto que tiveram contato com “outro mundo”<sup>11</sup>, ou seja, o paraíso. Passou-se a acreditar que um lugar cujo corpo de um mártir tivesse sido enterrado era sagrado.

Existiam determinadas convicções de que estar próximo a uma tumba de mártir poderia assegurar uma proteção especial ao morto comum. Tais crenças trouxeram debates entre os primeiros cristãos, embora eles nunca tenham chegado a uma conclusão de consenso.<sup>12</sup>

Entre os cientistas sociais, o assunto continua sendo polêmico. Todavia, um outro bolandista<sup>13</sup>, ao promover um debate com Delehay, fez considerações que complementavam esse raciocínio. Ao se voltar para as homenagens feitas aos mortos em martírio, destacou uma série de práticas litúrgicas, por exemplo, a reunião nos

---

<sup>8</sup> Cf. Rm 5, 1-7.

<sup>9</sup> Cf. Também Mc 8, 34; Luc 9, 24; Mt 10, 39 e Rm 8, 35.

<sup>10</sup> AMARAL, Clinio de Oliveira. *O culto...* op.cit., p.179.

<sup>11</sup> A ideia de “outro mundo” está ligada ao conceito de *transitus*. Para maiores informações sobre a função das relíquias na idade média. Cf. GEARY, Patrick J. *Le vol des reliques au Moyen Âge. Furta Sacra*. Paris : Auber, 1993.

<sup>12</sup> Cf. AMARAL, Clinio de Oliveira, *O culto...* op.cit., p.181.

<sup>13</sup> GAIFFIER, Baudouin de. Mentalité de l'hagiographe médiéval d'après quelques travaux récents. *Analecta Bollandiana*. Bruxelles : Société des Bollandistes, n° 43, pp. 7-30, [s.m.]. 1967, pp.18-19.

cemitérios para a leitura dos livros dos santos e a entrega da eucaristia como sendo uma das primeiras formas litúrgicas.

Destaca-se a eucaristia como fundamental na compreensão da celebração aos mártires, pois a mesma fazia presente a paixão e a morte de Cristo no calvário. Assim, encontrava-se estabelecida a idéia de martírio entre os cristãos do período romano. No entanto, Delehayé apresenta outro problema. O conceito de martírio permaneceu o mesmo durante a história cristã?

Na tentativa de resolver isso, propõe uma distinção etimológica<sup>14</sup> entre as palavras mártir e confessor, distinguindo nos contextos em que aparecem. Baseando-se em Delehayé, Clinio Amaral conclui que “testemunhar não tinha nenhuma implicação com o martírio, porque não implicava em sofrimento e em morte”<sup>15</sup>. O primeiro era aquele que dava o seu testemunho de fé, mas conseguia sobreviver. O mártir, no entanto, além do testemunho tinha sua vida arrancada.

Mesmo reconhecendo que houve variações no conceito, corrobora-se a tese segundo a qual o seu núcleo básico permanecera o mesmo.

[...] encontra-se a percepção do mártir como um imitador de Cristo e do cativo como um caminho que levava ao martírio e, portanto, à imitação de Cristo. A idéia de martírio teria também um fundamento em Rm 5, 3, através da importância de sofrer as tribulações de forma paciente<sup>16</sup>.

Embora Delehayé tenha dado uma grande contribuição na compreensão do culto aos santos, através do martírio, não conseguiu comprovar, de forma satisfatória, como houve uma diversificação do conceito de santidade e a maneira que esse culto difundiu-se na liturgia medieval.

Destacam-se então as pesquisas de outro bolandista. Gaiffier que problematizou outros aspectos importantes acerca da santidade na idade média, em especial, a formação de uma mentalidade hagiográfica<sup>17</sup>. Ele condena o juízo de valor atribuído por outros historiadores as “falsificações” hagiográficas produzidas no medievo. Para ele, ao se atribuir juízo de valor, torna-se anacrônico o estudo do período medieval, uma vez que essas produções hagiográficas possibilitam a compreensão do propósito de cada escritor juntamente com os esclarecimentos do imaginário predominante à época.

---

<sup>14</sup> DELEHAYE, Hippolyete. *Les Origines...* op. cit., p. 20 et seq.

<sup>15</sup> Cf. AMARAL, Clinio de Oliveira. *O culto...* op. cit., p.182.

<sup>16</sup> Cf. *Ibidem*, p.183.

<sup>17</sup> GAIFFIER, Baudouin de. *Mentalité de...* op. cit.

Prosseguindo as indagações relativas ao período medieval, Gaiffier sublinhou que, no estudo da hagiografia medieval, fazia-se necessário mensurar quais foram os textos bíblicos e demais obras que influenciaram determinadas hagiografias, na verdade, constatou que se formaram cânones da santidade medieval.

A santidade régia e os santos saídos da nobreza são os que mais interessaram Clinio Amaral<sup>18</sup>, pois têm suas santidades com base nos mártires das perseguições. Encontra-se nesses santos saídos da nobreza, uma série de virtudes, dentre elas: “a austeridade, a prece, o amor ao próximo, a sabedoria, a paciência, a pureza e o trabalho”<sup>19</sup>. Como esse autor analisou a produção hagiográfica do frei João Álvares, foi tomado como ponto de partida para se pensar a noção de martírio presente no *Trautado*.

Ao retomar a proposta bolandista, Gaiffier constatou que as hagiografias teriam um papel fundamental na compreensão da espiritualidade medieval e convida aos pesquisadores que façam uma exegese dessa espiritualidade, para se chegar à religiosidade da idade média.

Os questionamentos propostos pela historiografia da década de 70 do século XX constata que os interesses dos historiadores estão além desse campo, logo o tema estaria à margem da renovação historiográfica introduzida pela Nova História. O fato é que essas pesquisas, durante um bom tempo, foram desenvolvidas apenas pelos bolandistas, que muito embora tenham trazido uma profunda colaboração, preocupavam-se em limitar a questões, como, por exemplo, “o estabelecimento de textos fidedignos, os debates em torno da evolução do gênero hagiográfico, os problemas de filologia, os melhores critérios para edição crítica da vida de um santo etc.”<sup>20</sup>. Não havia uma preocupação com a chamada história social.

André Vauchez é o grande nome acerca desse tema dentro da história, pois traz os problemas metodológicos bolandistas para a análise histórica social.

Durante a década de 70, André Vauchez desenvolvia as pesquisas, cujos resultados foram apresentados em sua tese de doutorado, em 1979, publicada integralmente em 1981. Ao longo desses anos, publicou uma série de artigos, cujos propósitos eram indicar a importância dos estudos da hagiografia para a compreensão da mentalidade medieval, cobrir

---

<sup>18</sup> Esse modelo de santidade é o que o interessou, pois d. Fernando era um príncipe, portanto, alguém cuja origem era nobre. Para maiores informações acerca da origem dinástica de d. Fernando. Cf. AMARAL, Clinio de Oliveira. *O culto...op.cit.*

<sup>19</sup> *Ibidem*, p.185.

<sup>20</sup> *Ibidem*.

a lacuna deixada pelos historiadores e expor uma nova metodologia para analisar os processos de canonização<sup>21</sup>.

Em suas pesquisas, Vauchez descobriu que a santidade poderia ser hereditária, ou, pelo menos, existia um determinado grupo predisposto a receber a “glória eterna”. Nos casos em que não se encontrava dados biográficos de um determinado santo, ele, simplesmente, era representado como sendo de uma família nobre, e, na grande maioria, pertencente à monarquia. Para esse autor, até o século XV, as pessoas de origem nobre representavam a maioria dos santos.

Segundo a tese do autor, aqueles cujos nascimentos ocorressem em meios aristocráticos já tinham condições de se transformarem em santos. Para que isso se concretizasse de fato, bastava que as condições de suas vidas oferecessem alguns dados para corroborar essa “santidade intrínseca”. Portanto, durante grande parte da idade média os laços entre santidade e linhagem foram grandes; apenas no século XIII foram percebidas modificações nesse processo. Embora entre os séculos XIII e XV tenham ocorrido algumas modificações da espiritualidade, não se pode afirmar que a santidade ligada à nobreza tenha desaparecido. Do ponto de vista estatístico, ocorreu a predominância de santos vinculados às ordens mendicantes franciscanas e dominicanas.<sup>22</sup>

Dentro da tipologia da santidade medieval elaborada por Vauchez, talvez exista um elemento que perpassasse todas as expressões de santidade do período. A associação do sofrimento e santidade pode ser indicada como uma das características comuns aos santos medievais. Segundo Clinio Amaral,

[...] acredita-se que a insistência no papel do sofrimento esteja relacionada, além da imitação de Cristo, ao papel delimitador que teve o conceito de martírio na formação dos santos. Enfim,

---

<sup>21</sup> Ibidem, p.186.

<sup>22</sup> Ibidem, p. 188.

foram eles os primeiros santos, e seus exemplos de resignação e seus testemunhos marcaram o imaginário medieval.<sup>23</sup>

Nesse contexto, ressalta-se a *Legenda Áurea*, como uma coletânea de textos hagiográficos, escrita pelo dominicano Jacopo Varraze, no século XIII. Esses textos surgiram em meio às transformações políticas, materiais e sociais do final da idade média e tinha como objetivo um vasto público, presente nas cidades<sup>24</sup>. Tal gênero literário transformara-se no principal meio de evangelização dos leigos. As narrativas presentes na *Legenda Áurea*, sobre a vida dos santos eram um instrumento de persuasão religiosa.

Aponta-se na coletânea o conceito de *exemplum*, cujo decoro narrativo apresentava quase uma totalidade na vida dos santos narrados; o seu conteúdo proporcionou uma interseção cultural entre a tradição “erudita” e a “popular”, estabelecendo-se uma cultura intermediária por causa da sua tendência universalizante. Elaborou-se um modelo textual para enquadrar a vida dos santos, que eram representados sempre do mesmo modo. Destaca-se entre essas representações: a não putrefação de corpos, mesmo mutilados, pela emanção de odores agradáveis, pela obtenção de poderes taumatúrgicos, os quais beneficiavam as pessoas devotas ou as que tivessem contatos com o local da morte dos santos e/ou suas relíquias. As informações referentes às vidas dos santos eram atemporais; o valor dado aos mártires é extremamente forte no que compõe o cânone narrativo da *Legenda Áurea*<sup>25</sup>.

Em sua narrativa apresentam-se duas características presentes no universo medieval, o belicismo e o contratualismo. O primeiro era o sustentáculo da eterna luta do bem contra o mal. Dentre as diversas formas de expressá-la, a mais comum relaciona-se às necessidades do corpo. O controle do mesmo era a maior expressão de belicismo da psicologia medieval. Por isso, que se observam nos santos prolongados jejuns, além de serem, quase na totalidade, castos. Já o contratualismo era a opção que cada cristão fazia colocar-se ao lado dos santos ou dos demônios. Isso ficava evidente, por meio das orações e jejuns que faziam a Deus, cuja recompensa, vinha através dos santos, os quais tinham a atribuição de fazer a mediação entre Deus e os homens.

Vale destacar a inserção desse texto no final da idade média e no início do renascimento existiam mais “exemplares” dele do que da Bíblia até o início do século XVI. Em resumo a essência da *Legenda Áurea* era:

---

<sup>23</sup> Ibidem.

<sup>24</sup> Para maiores informações sobre as cidades no período medieval. LE GOFF, Jacques, Cidade, In: LE GOFF, Jacques e SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário temático do Ocidente medieval*. Vol I. Bauru/ São Paulo: EDUSC/ Imprensa Oficial, 2002, pp. 219-236.

<sup>25</sup> Um dos objetivos da pesquisa, que será desenvolvida com o decorrer da bolsa de Iniciação Científica, é o de verificar se a representação dos mártires contidos na *Legenda Áurea* teve alguma influência na obra hagiografia escrita pelo frei João Álvares no século XV.

[...], um conjunto de textos (*legenda*, literalmente ‘aquilo que deve ser lido’, também tinha o sentido de ‘leitura da vida dos santos’) de grande valor (daí *áurea*, ‘de ouro’) moral e pedagógico. O objetivo imediato de Jacopo Varazze era fornecer aos seus colegas de hábito, os dominicanos ou frades pregadores, material para a elaboração de seus sermões. Material teologicamente correto, isento de qualquer contágio herético, mas também compreensível e agradável aos leigos que ouviram a pregação<sup>26</sup>.

Quanto ao *Trautado*, vale ressaltar, sua importância no projeto político de Avis, implantado por d. Afonso V (1438-1481), mas que perdurou durante séculos na sociedade portuguesa. Essa narrativa foi produzida pelo frei João Álvares, trata-se da hagiografia que narra o martírio do Infante d. Fernando, oitavo filho de d. João I, que teve toda sua história atrelada a derrota portuguesa na batalha de Tânger (1437). A hagiografia escrita por Álvares é considerada como o principal escrito, no que diz respeito à compreensão do modelo de santidade desse Infante. Além disso, o *Trautado* foi utilizado como propaganda legitimadora da casa de Avis.

A hagiografia escrita pelo frei traz consigo algumas referências biográficas da vida do seu autor. Ao escrevê-la, Álvares buscava vincular sua imagem à de promotor e guardião da memória do Infante Santo, vale destacar, que o frei fazia questão de aparecer como a única testemunha ocular do seu martírio, embora, no que dizia respeito aos milagres recorria a outras testemunhas que o corroborassem.

Frei João Álvares foi criado na câmara de d. Fernando, sendo aos dez anos, integrado ao grupo de servidores do Infante. Estabelece-se então uma relação mais íntima entre ele e o seu senhor. Logo, sabe-se que João Álvares recebeu grande influência intelectual do convívio na casa de d. Fernando.

Segundo Fontes<sup>27</sup>, na narrativa do frei sobre a vida do Infante, d. Fernando obrigava seus servidores a cumprirem suas obrigações religiosas, dentre elas – a manutenção do correto procedimento moral. O contato com d. Fernando proporcionou ao frei uma maior proximidade com as letras, Álvares “tinha a função de escoltar o príncipe nas celebrações litúrgicas realizadas na capela do seu senhor e de acompanhá-

---

<sup>26</sup> Cf. Hilário Franco Junior. “Apresentação”. In: VARAZZE, Jacopo. *Legenda Áurea...* op. cit., p.16.

<sup>27</sup> Cf. FONTES, João Luís Inglês. *Percursos e memória: Do Infante D. Fernando ao Infante Santo*. Cascais: Patrimonia, 2000.

lo na recitação das horas canônicas”<sup>28</sup>. Dessa forma, ele se familiarizou com a tradição escrita da Igreja e com o próprio texto bíblico.

Segundo Clinio Amaral, “não se pode recusar a hipótese de que o frei tenha lido os livros da biblioteca pessoal de d. Fernando”<sup>29</sup>. Dentre as obras presentes na biblioteca do Infante, destaca-se as dos padres da Igreja, como, por exemplo, São Jerônimo, Santo Agostinho e São Gregório. Essas obras são lembradas na escrita de Álvares. Vale também destacar que Álvares tinha uma ligação com os grupos monásticos relacionados à observância mendicante, os quais d. Fernando tinha grande afeição. Sendo assim, para Clinio Amaral, deve-se concordar com a argumentação de Fontes segundo a qual as obras lidas pelo frei aproximam-se muito do que se conhece do acervo da biblioteca fernandina.

Durante o período em que dirigiu o mosteiro de Paço de Sousa, Álvares promoveu leituras semelhantes às realizadas por d. Fernando. Além disso, determinou a observância severa do direito canônico e da regra de são Bento e deu uma grande relevância à exemplariedade do culto à liturgia.<sup>30</sup>

Como já foi dito, João Álvares acompanhou d. Fernando de perto, inclusive na sua ida para África que culminou com a derrota em Tangêr. Ele insiste em narrar a trajetória de sofrimentos implementados ao Infante durante o seu cativeiro entre 1437 e 1443.

Segundo o *Trautado*, de 22 de outubro de 1437 a 25 de maio de 1438, os servidores, dentre os quais, frei Álvares, permaneceram presos em Arzila. O frei detalhou inúmeras etapas pelas quais passaram, fazendo referência aos períodos de piora das condições em que se encontravam. Em 1438, os servidores foram forçados a trabalhar para os mulçumanos e a situação deles se tornou, progressivamente, mais precária. Em março de 1443, o infante foi definitivamente afastado deles, colocando-os em um contexto ainda mais crítico. A partir do começo de junho de 1443, com a piora de sua saúde, o infante pôde ter o amparo do seu capelão, do seu físico e, se fosse preciso, de outros servidores. Depois de ter morrido, as vísceras do infante foram

---

<sup>28</sup> AMARAL, Clinio de Oliveira. *O culto...op.cit.*, p. 115.

<sup>29</sup> *Ibidem*.

<sup>30</sup> *Ibidem*, p. 116.

ocultadas em duplas painelas de barro que ficavam no local em que o santo fora mantido como prisioneiro<sup>31</sup>.

Provavelmente, Álvares só foi libertado na segunda metade de 1448, tendo em vista, que ele sustenta ter permanecido no cativeiro durante cinco anos após a morte do Infante. Todavia, Fontes afirma que os nortes temporais de Álvares não são muito confiáveis.

Observa-se que ao retornar a Portugal, o frei ascendeu socialmente e exerceu um papel de grande importância na propagação da memória dos acontecimentos ligados a d. Fernando.

Álvares escreveu o *Trautado*, após o retorno de África. Observa-se que ao voltar a Portugal, o frei ascendeu socialmente, tanto que seu “título” de frei só o foi dado depois do seu retorno. Outro papel fundamental do frei foi na propagação da memória de d. Fernando. Algo que Álvares sempre ressaltava que era a única testemunha ocular do martírio de d. Fernando.

As cartas do frei Álvares também ajudaram na compreensão da sacralização do Infante, no entanto, existe toda uma questão polêmica entre as cartas, que serão elaboradas com o desenvolver da pesquisa. Em linhas gerais, Álvares é o principal autor no que diz respeito aos textos hagiográficos sobre o Infante Santo e o responsável por transformar a história do cativeiro de d. Fernando em uma narrativa de martírio.

---

<sup>31</sup> Ibidem, p. 117.